

# UMA INTRODUÇÃO AOS PRINCÍPIOS DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

*João Henrique Aquiles Diniz*  
*Shirley Aquiles Diniz*

## 1. Introdução

O termo historiografia linguística apresenta o conceito a partir da interseção entre a história e a linguística, fazendo com que as duas ciências trabalhem paralelamente. Assim, ela tem a finalidade de lidar com “[...] questões da periodização, de contextualização e com temas relativos à prática linguística efetiva, com o intuito de identificar diferentes fases de desenvolvimento da língua ou de períodos mais longos.” (NASCIMENTO, 2005)

Pierre Swiggers (2012, p. 2 *apud* GOMES, FERREIRA & SILVA, 2015, p. 13) lembra que “a historiografia linguística é o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e explicação em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares”.

Para distinguir o foco da história e do historiógrafo, Godoy (2009, p. 79 *apud* GOMES, FERREIRA & SILVA, 2015, p. 13) lembra que

(...) enquanto a história estudava a narrativa dos acontecimentos históricos, a historiografia começou a estudar e registrar esses acontecimentos para reconstruir o passado por meio da interpretação dos fatos à luz do espírito da época.

A historiografia linguística busca descrever e explicar como se produziu e se desenvolveu o conhecimento no tempo em determinado contexto, ou seja, a “dimensão interna” (aspecto cognitivo) e a “dimensão externa” (social e individual). Ela “lança um outro olhar para os acontecimentos históricos, tendo como base, documentos que evidenciam a evolução da língua no decorrer do tempo, ou em um dado recorte histórico”. (MATA & GOMES, 2013). Logo seu objetivo é o estudo sistematizado da língua em momentos anteriores da história, focando na escrita.

Ela passa a ganhar proeminência a partir da *Escola dos Annales*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, e sua metodologia é legitimada por Ernst Frideryk Konrad Koerner nos anos 1990. Tal ciência surgiu a partir do desenvolvimento da linguística histórica, assim ela tomou posição como respeitável disciplina na linguística, sem se confundir com a história da linguística ou com a gramática histórica. Ela se distingue por um tratamento específico, buscando a interdisciplinaridade entre elas.

Nesse capítulo procura-se apresentar a metodologia proposta por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996): o princípio da contextualização, da imanência e das adequações teóricas, visto que na década de 1980 as discussões a respeito da metodologia buscavam princípios e procedimentos que sistematizassem as pesquisas, sendo que há uma gama de disciplinas que envolve a historiografia linguística. Para Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), toda teo-

ria necessita de uma metodologia, mas a historiografia linguística traz uma delimitação proveniente da diversidade de ciências que perpassam por ela. “Há vários problemas metodológicos e epistemológicos (...) questões de periodização, contextualização e, geralmente, procedimentos de pesquisa (...)” (KOERNER, 1996, p. 58). Para resolver o problema, Ernst Frideryk Konrad Koerner propôs uma metodologia para o estudo historiográfico, que será apresentada no próximo item.

## **2. Historiografia linguística e a metodologia proposta por Koerner**

A historiografia linguística traz à atualidade fatos históricos, reescrevendo-os por meio de princípios científicos, já que nenhuma área de conhecimento pode ser estudada isoladamente, mantendo reciprocidade entre a historiografia e a história, por meio de pesquisas ligadas à língua.

Para realizar a hermenêutica de forma mais precisa, o pesquisador necessita de subsídios que auxiliem na interpretação de textos antigos, trazendo-os para a atualidade sem erros ou equívocos, favorecendo-se do fator sociocultural. A historiografia linguística é fundamental neste processo, embasando os fundamentos para entender as mudanças e regularidades da língua.

O processo de transição e de revolução científica são conceitos apresentados por Kuhn (2007, p. 125) que servem para entender o processo pelo qual a historiografia linguística passou. Para o termo paradigma, que pode observado a partir do surgimento da interdisciplinaridade em meio a essas transformações e, para

não haver em um documento divergências em relação ao original, a historiografia linguística situa o agrupamento de outras áreas do conhecimento científico que tratam diretamente do ser humano, tais como: a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia, compondo um processo pluridisciplinar de análise que requer ampla demanda intelectual, intenso de escopo e sagacidade de saber, exigindo uma noção quase enciclopédica do pesquisador, dada a sua natureza.

Diante da noção apresentada de Ernst Frideryk Konrad Koerner, esses fatores fazem com que a historiografia linguística seja apta a cumprir seus objetivos nas pesquisas da língua, tornando-se necessária para a interação social em suas distinções e desenvolvimento, principalmente por que a interdisciplinaridade tem sido cada vez mais valorizada no universo acadêmico.

Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), Thomas Kuhn (2007), Jarbas Vargas Nascimento (2005), entre outros pesquisadores da língua, entendem que a língua é um objeto de interação social do homem, criado por ele mesmo, e seu estudo deve ser realizado de forma ampla, levando em conta o conhecimento do contexto intelectual e na interpretação do documento para que a historiografia seja entendida com clareza.

Na perspectiva da historiografia linguística, a metalinguagem é caracterizada como recurso indispensável para lidar com a língua, transformando-a numa ferramenta fundamental para o historiógrafo, adequando-a ao presente, que de acordo com Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) seja a maneira pela qual o pesquisador “empreende a descrição e apresentação de teorias da linguagem do passado aos pesquisadores do campo presente”, produ-

zindo um estudo extensivo e intensivo, envolvendo a linguagem em seu contexto social e cultural, voltando-se às suas particularidades e peculiaridades.

Para Miguél Eugenio Almeida (2003, p. 92), a metalinguagem pode ser tal recurso e está ao alcance de vários ramos do saber, uma vez que tudo pode ser transformado em linguagem. Ela ultrapassa as fronteiras de um conjunto de tecnologias para descrever as línguas em seus usos ou funções, tornando-se importante como diferenciador da linguagem, para que não se confundam os dois níveis em que ela permite operar; enquanto objeto de investigação e enquanto técnica de observação.

Por meio desse processo de análises da língua, Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) sugere que historiógrafo trabalhe com os três princípios. Objetivando adequar os textos históricos à atualidade, relacionando o passado ao passado. O mesmo se pode fazer em relação ao presente para o que se obterá o resultado da pesquisa do historiógrafo que utilizará procedimentos limitando-se ao impacto das influências implícitas ou explícitas, durante o estudo do documento.

Sendo assim, o resultado da pesquisa da interpretação de um determinado documento histórico resultará em uma leitura contemporânea, em que foram utilizados três princípios sugeridos por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), conforme adaptado por Cléria Maria Machado Marcondes e Ana Maria Barba Lima (2013, p. 3):

**a) Princípio da contextualização**

– tem o objetivo de levantar e de resgatar o clima de opinião da

época em que o documento foi produzido, remontando o seu contexto histórico-cultural, as concepções linguísticas, socioeconômicas e política. Assim, o pesquisador deve entender e identificar as influências sobre o documento, além de estar atento ao editor, à capa, à tiragem, ao prefácio, à introdução e ao sumário. São elementos que podem servir de referência para que se relacione as referências e atribua sentidos ao documento investigado.

### **b) Princípio da imanência**

– é o levantamento de informações e a compreensão do documento a partir das teorias linguísticas e históricas no contexto em que foi produzido. O pesquisador percebe o passado e não intervêm com as concepções, dados e terminologias atuais durante o processo de interpretação. A imanência busca restaurar e possibilitar a compreensão do documento.

O princípio da imanência procura entender os conceitos imanentes ao texto histórico, em que o pesquisador esclarecerá os fatos linguísticos buscando entendimento histórico e crítico, além do filológico do texto, de acordo com a fonte, que revela epistemologias adequadas, que se adequam ao texto, apontando internamente seu fundamento teórico e assim permitindo a descrição e/ou explicação dos fatos linguísticos.

### **c) Princípio de adequações teóricas**

– objetiva atualizar o documento de forma a aproximá-lo das teorias e das ideias que circulam no presente. O princípio de adequação possibilita hermenêutica, destacando os fatos do passado, intercedidos pelo olhar do presente, para torná-los relevantes à sociedade no presente.

Tal princípio trata da aproximação teórica entre o passado e o presente apontando os conceitos que se mantêm entre ambos simultaneamente aos elementos novos, produzindo os modelos teóricos de continuidade (o que continua entre o passado e o presente) e de descontinuidade (que muda partindo de novos elementos que surgem entre o passado e o presente). Assim os modelos do passado e do presente podem ser explicados e descritos para que possamos compreender as mudanças linguísticas.

A adequação serve como um espelho de momentos históricos distintos, a partir da observação comparativa dos elementos que aparecem no documento e daqueles que estão ausentes.

### **3. Onde se faz historiografia linguística no Brasil**

Conforme Nataniel dos Santos Gomes, Michelle De Chiara Ferreira e José Pereira da Silva (2016), atualmente pode-se citar três universidades no Brasil em que o debate e o estudo da historiografia linguística se faz presente, que são elas: USP – Universidade de São Paulo, PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e UFG – Universidade Federal de Goiás.

Um destaque na área é a professora Maria Cristina Fernandes Salles Altman (USP), que detém um respeitável currículo na área de linguística, contando com pós-doutorado. Maria Cristina Fernandes Salles Altman tem uma grande experiência na matéria e é responsável por vários trabalhos nesse campo de conhecimento.

Outro nome que dedica suas pesquisas e estudos à historiografia linguística é Olga Ferreira Coelho (USP). Sua área de pes-

quisa é a historiografia linguística nos séculos XIX e XX. Em conjunto atua no projeto *Documenta Grammaticae et Historiae*.

Outra figura ilustre para a área é o doutor Jarbas Vargas Nascimento (PUC/SP). Seu currículo contém grandes produções na área, além de projetos e pesquisas nessa vertente.

Na UFG, encontra-se o grupo “IMAGO Mostragem e Desenvolvimento Epistemológico da Historiografia dos Estados da Linguagem”, que tem como líder o professor doutor Sebastião Elias Milani.

#### **4. Conclusão**

Este texto procurou centralizar as teorias da historiografia linguística, especialmente os princípios instituídos por Ernst Frideryk Konrad Koerner, tendo em vista que o estudo historiográfico foi uma válvula de escape para que as variações linguísticas adentrassem nos meios acadêmicos como objeto de estudo, evidenciando a complexidade da delimitação dos estudos em historiografia linguística tendo em vista a interdisciplinaridade e interdependência entre uma ciência e outra.

Apesar do entrelaçamento entre as diferentes áreas do saber em historiografia linguística, o objeto de discussão e análise é o mesmo: a língua. Assim, ela é analisada na sua forma escrita, tanto em situações formais e informais, apreciando seus aspectos sociais, culturais, geográficos, políticos e econômicos, que inferem, mesmo que de forma lenta, no sistema linguístico.



O uso da língua está estritamente ligado às práticas sociais de um contexto histórico/social, apesar de ter seus próprios mecanismos de funcionamento, influenciando diretamente nas escolhas linguísticas em que os documentos estão ou estavam inseridos.

Tanto a historiografia linguística como outras correntes buscam delimitar e mostrar sua importância dentro do espaço científico, considerando as necessidades da época em que são impostas.

Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) permite ao fazer historiográfico, um trabalho que inclui dimensões internas e externas da língua, mesmo com a difícil tarefa de delimitar o espaço metodológico.

Ainda que de forma introdutória, este trabalho propõe uma reflexão sobre as metodologias instituídas por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1966) e suas relações com o fazer historiográfico, com a intenção de compreender e propagar os estudos que atualmente tentam elucidar a continuidade e descontinuidade das ideias linguísticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino da língua portuguesa: um estudo historiográfico*. 2007 Tese (de Doutorado). – PUC, São Paulo.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. A gramática histórica no Brasil da década de 1930: uma análise em torno do argumento da influência. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Filologia/USP, 2011 Disponível em: .

<<http://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/59892/63001>>

Acesso em: 25/05/2016.

GOMES, Nataniel dos Santos; FERREIRA, Michelle De Chiara; SILVA, José Pereira da. (Orgs.). *Historiografia linguística e consoantes geminadas: em Silhuetas e Bosquejos* de Ismael de Lima Coutinho. Niterói: Impetus, 2015. Disponível em:

[http://www.filologia.org.br/xix\\_cnlf/cnlf/historiografia/a\\_historiografia\\_linguistica.pdf](http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/historiografia/a_historiografia_linguistica.pdf) . Acesso em: 01/06/2016.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45, 1996.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MARCONDES, Cléria Maria Machado; LIMA, Ana Maria Barba. Historiografia linguística: princípios concepções. *Revista da Universidade Ibirapuera*, Universidade Ibirapuera São Paulo, vol. 6, p. 52-56, jul/dez. 2013. Disponível em:

<<http://www.revistaunib.com.br/vol6/7.pdf>>. Acesso em: 01/06/2016.

MATA, Priscila Figueiredo da; GOMES, Nataniel dos Santos Gomes. Panorama da historiografia linguística. *Revista Philologus*, n. 55 suplemento. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 558-567, 2012. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/045.pdf>> Acesso em: 25/05/ 2016

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Fundamentos teórico-metodológicos da historiografia linguística. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Terras do Sonhar: Edições Pulsar, 2005.